

25/09/08

Ao mestre com carinho: Guto Lacaz no mundo das coisas maravilhosas

Os objetos em suas formas, cores, materiais e funções estão sempre em stand by à espera de uma ação.

Fuçando em botões, alavancas, introduzindo pilhas, combinando plugs e pólos das tomadas e seguindo algumas instruções, podemos usufruir das benesses dos eletrodomésticos, como um aspirador de pó e uma furadeira.

Sabemos que, dentro de nossas casas, muitos problemas de espaço e de tempo podem ser resolvidos com uma escada dobrável, um varal retrátil ou um relógio de parede. E que, com algum treino, podemos manipular um taco de golf e também jogar pingue-pongue. Estes e muitos outros artefatos construídos pelo homem fazem parte do nosso cotidiano e colaboram com o nosso bem-estar e diversão, desde que nascemos. Hierarquizamos os objetos: em alguns projetamos nossos sentimentos e moods, noutros não prestamos atenção e queremos apenas que funcionem, que cumpram as suas funções. Foram feitos para isto, não é mesmo?

Sim e não. Não?

Não, porque tem gente que acredita (e prova) que estes objetos podem muito mais. Guto Lacaz é um deles.

O artista, arquiteto e designer percebe a ‘magia’ do funcionamento das coisas e se encanta com seus mecanismos. Com humor, associa uma coisa e outra, como numa colagem tridimensional bota para funcionar, gerando uma coisa nova.

Seria uma herança dadá? Uma habilidade para jogar com o nonsense? Vocação para revelar a inutilidade dos objetos ou, ao contrário, provar suas ‘mil e uma’ utilidades?

Semana passada, na apresentação de ‘Máquinas III’, no Teatro Alliance Française, Guto Lacaz e Javier Judas nos mostraram um mundo maravilhoso. Comprovaram que ‘as máquinas são simulações dos órgãos do corpo humano’ (Flusser, 2008:46) e foram além, zombaram da cultura, acabaram com os manuais de instruções e reorganizaram os símbolos, transformando aspiradores, escadas, tacos de golf, secadores de roupa e relógios em outras coisas e, assim, na matéria-prima da performance.

Flusser associa o ‘novo homem’ a um performer, para o qual a vida passou a ser

um espetáculo. É ele o Homo Ludens e não mais o Homo Faber: ‘Não se trata mais de ações, e sim de sensações. O novo homem não quer ter ou fazer, ele quer vivenciar.

Ele deseja experimentar, conhecer e, sobretudo, desfrutar. Por

não estar interessado nas coisas, ele não tem problemas. (Flusser, 2008:58) Guto parece contradizer um pouco isto, pois se interessa pelas coisas e pelas ações concretas. Desinteressa-se, sim, das coisas como sempre nos foram

apresentadas. E parece não ter conflitos em ser, ao mesmo tempo, o homo faber (aquele das ações concretas, que produz e fabrica algo) e o homo ludens (o performer, aquele que vivencia e desfruta).

A platéia riu a cada situação.

Eu também ri, mas será que todos riam pelo mesmo motivo?

Eu ria toda vez que as ações desconsertavam algo em mim, como o varal aberto por um, na horizontal e por outro, na vertical, em tempos alternados, criando padrões óticos. Ou, quando os protetores coloridos e retráteis para vidros de carro foram colocados nas costas como mochilas ou asas e manipulados num bater de asas, ao mesmo tempo em que sobrepunha um 'Hello!' a uma voz que mais parecia um eco processado de Laurie Anderson.

Na verdade, eu ria, porque não podia dizer o tempo todo: GE-NI-AL!

E, por vezes, pensava como aqueles dois deveriam ter aprontado, quando pequeninhos...

O momento mais sublime de Javier foi quando tocou uma música no piano e as notas saíram esparsas, criando uma música meio débil.

Já Guto caiu, subiu no alto de uma escada e imóvel foi 'girado' para um lado e depois para outro, para trocar uma lâmpada. Fez chover bolinhas de pingue-pongue e finalizou a performance, hasteando uma bandeira pirata e junto com seu 'assistente, ao som de 'Sociedade Alternativa' de Raul Seixas, massacrou a platéia com bombardeio de dardos plásticos de ventosas.

Depois, pediu para todos devolverem as bolinhas e os dardos, pois se tratavam de peças em extinção e, no outro dia, havia nova apresentação.

A partir dali, o mundo das coisas não foi mais o mesmo. Tudo foi, divertidamente, ampliado.

As possibilidades de tornar as coisas cotidianas e banais nas suas funções em maravilhosas nos foram apresentadas, graças ao 'olhar' sofisticado do mestre-designer.

Guto encerra a série de Performances, neste final de semana, com IOU - a fábula do Cubo e do Cavalo. www.aliancafrancesa.com.br

OBS: fui aluna de Guto Lacaz no curso de extensão 'Performance' ministrado no Instituto de Artes da UFRGS/Porto Alegre, em 1986, onde cursava Bacharelado em Artes Plásticas. Desde lá nos tornamos amigos. Guto sempre acompanhou meus trabalhos, entre outras coisas, assistiu apresentações da minha banda Adventure.

Postado por Marion Velasco às 03:56